

3

Estudo sobre a mentalidade portuguesa

A nossa identidade, fundamento da nossa autonomia, é de ordem essencialmente cultural, isto é, de enraizamento no imemorial. Antes do seu nascimento político, Portugal é já uma longa memória, uma tradição, sobretudo uma língua com potencialidades de escrita e de imaginário.⁸¹

Eduardo Lourenço

Em 1910, quando Portugal se tornou república, setenta e cinco por cento da população era composta por analfabetos, o que muito preocupava o governo que tinha como uma de suas prioridades políticas modificar a educação para modificar a mentalidade portuguesa.⁸² No entanto, apesar das medidas implementadas, em 1930, o analfabetismo ainda atingia por volta de setenta por cento da população.

Entre o golpe de 1926 e a revolução de 1974, Portugal viveu sob o governo ditatorial, liderado, a partir de 1928, por António de Oliveira Salazar. A Ditadura Militar durou de 1926 a 1933 e o Estado Novo de 1933 a 1974. O incentivo ao amor à pátria, a reverência às glórias do passado e seus heróis, o culto à família e à tradição são marcas ideológicas do Estado Novo inculcadas no povo português pelo aparelho de comunicação oficial. O então chefe do governo português, Salazar, em uma entrevista concedida a António Ferro, descreveu os principais defeitos e qualidades do povo português. Segundo ele, os defeitos seriam:

Excessivamente sentimental, com horror à disciplina, individualista sem dar por isso, falho de espírito de continuidade e de tenacidade na acção. A própria facilidade de compreensão, diminuindo-lhe a necessidade de esforço, leva-o a estudar todos os assuntos pela rama, a confiar demasiado na espontaneidade e brilho da sua inteligência. Mas quando enquadrado, convenientemente dirigido, o português dá tudo quanto se quer.⁸³

⁸¹ LOURENÇO, E, “*Portugal e a Europa*”, *Nós e a Europa, ou as Duas Razões*, p.15.

⁸² SERRA, João B, *Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo. Portugal Moderno, 1910-1940*, p.4.

⁸³ Salazar em entrevista à FERRO, António. *Homens e Multidões*, p. 210.

A formação da mentalidade portuguesa contemporânea foi diretamente influenciada e fomentada pela ditadura e seus pilares “Deus, Pátria e Família”; portanto,

Podemos pois agradecer ao Estado Novo e a António Oliveira Salazar, o contributo para muitos dos nossos problemas actuais: o atraso educativo, o tipo de tecido industrial, os défices sanitários e de saúde pública, a guerra colonial, a emigração de quase dois milhões de portugueses nos anos 60 e 70 e o pedagógico auxílio na construção de uma certa mentalidade portuguesa, boçal, caceteira e lambe botas, ainda hoje existente...⁸⁴

Portugal sofreu todas as conseqüências do regime e, com o agravante de ter sido império colonial, sofreu também um grande embate entre dois conceitos difíceis de serem conciliados e vivenciados por um mesmo país: ser uma nação e um império ao mesmo tempo.⁸⁵ Segundo Omar Ribeiro Thomaz, em seu artigo “O bom povo português”: usos e costumes d’aquém e d’além-mar”,

a “nacionalização” do império acaba, forçosamente, por constituir uma crise no espaço próprio da nação. No caso português o processo foi mais grave, pois se deu no contexto de um regime autoritário que calava um possível debate público em torno do império ou da nação.⁸⁶

Ao conceito de “nação”, que, necessariamente, implica uma unidade, se agrega o conceito de “império”, onde coabitam diversos povos, religiões e línguas, causando o que Eduardo Lourenço denominou “hiperidentidade”, isto é, uma “[...] quase mórbida fixação na contemplação e no gozo da diferença que nos caracteriza ou nós imaginamos tal no contexto de outros povos, nações e culturas”⁸⁷. Contudo, ao mesmo tempo em que o povo tem o sentimento de domínio, de colonizador, ele tem seus atos e palavras cerceados e toda a sua vida comandada e vigiada por um governo ditatorial. Mesmo após a revolução, em 1974, há uma grande atmosfera pessimista misturada à euforia.

⁸⁴ GONÇALVES, Francisco, *O Branqueamento do Fascismo e os Ditadores*, 4 de maio de 2007. http://santamariadafeira.pcp.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=345:o-branqueamento-do-fascismo-e-os-ditadores&catid=88:artigos-de-opiniao&Itemid=97

⁸⁵ <http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n1/a04v07n1.pdf>

⁸⁶ THOMÁZ, Omar R, “*O bom povo português*”: *Usos e costumes d’aquém e d’além-mar*, p.4.

⁸⁷ LOURENÇO, Eduardo, *Nós e a Europa ou as duas razões*, p. 10

Para entender alguns aspectos da formação da mentalidade portuguesa, isto é, o conjunto das formas do povo português de viver, sentir e pensar, é importante entender que Portugal viveu, a partir do século XII, um enorme apogeu com a expansão ultramarina, a colonização d'além mar, o império e as cruzadas. No entanto, o que ocorreu após o fim da monarquia, foi um sistema liberal estabelecido em uma sociedade “maioritariamente tradicional e rural, dominada por uma mentalidade aristocrática”⁸⁸. Como a educação formal ocorrera de forma bastante lenta e atrasada, havia pouca participação cívica entre os cidadãos, compostos por uma parcela ínfima de elite intelectual e por uma maioria rural vivendo na miséria.

Em 2008, Desidério Murcho, da Universidade Federal de Ouro Preto, ao discorrer sobre a mentalidade portuguesa contemporânea, afirmou ser Portugal

um pequeno país, no seio da Europa, com imensas dificuldades em criar riqueza e avesso a uma mentalidade livre e democrática. Assumir isso seria o primeiro passo para conseguirmos, com boa vontade e realismo, cooperando entre todos, transformar um pequeno país numa sociedade justa, de bem-estar, desenvolvida, que ofereça aos seus membros as melhores condições para desenvolverem os seus talentos e darem assim as suas contribuições para o desenvolvimento da humanidade. Precisamos de melhor ensino, melhores políticos, melhor pensamento científico, filosófico e artístico. Nada disto se consegue enquanto continuarmos a tapar o Sol com a peneira da ilusória pátria grandiosa da língua portuguesa.⁸⁹

Quase oitenta anos antes da descrição feita por Murcho, Fernando Pessoa, em 1932, escreveu que a melhor palavra para descrever a mentalidade do povo português, oriundo de todas as classes sociais, seria “provincianismo”⁹⁰, pois o progresso, se percebido pelo povo, o é de forma superficial. Para o escritor, todas as nações possuem um certo provincianismo em dada classe, no entanto, o que caracteriza Portugal é ter uma elite provinciana que encanta-se superficialmente com as “novidades sociais” como uma criança com um brinquedo. Para ele, o que torna essa característica prejudicial em se tratando de um povo, é que essa imaturidade sugere um desenvolvimento incompleto de sua mentalidade.

⁸⁸ MATOS, Sergio Campos, *História e identidade nacional: A formação de Portugal na historiografia contemporânea*, p. 136.

⁸⁹ MURCHO, Desidério, *Fascismo Linguístico*, *Jornal Público*. 3 de Junho de 2008. <http://criticanarede.com/fascismo.html>

⁹⁰ *Ibid.*

Mentalidade que muitas vezes não percebe a discrepância entre o real e o imaginário. Em se tratando de um povo, é o imaginário coletivo que agrega os sentimentos individuais e comuns de uma nação e, no caso da nação portuguesa, segundo Eduardo Lourenço, manter-se à margem tem a ver com uma recusa em ter um projeto em comum com outros povos e nações:

A cultura portuguesa não produziu nunca – pelo menos até Eça de Queirós – (...) um olhar exterior a si mesma que a acordasse, não de qualquer cegueira dogmática ou culposa, mas da contemplação feliz e maravilhada de si mesma. Todos os povos vivem, mais ou menos, confinados no amor de si mesmos, Mas a maneira como os portugueses se comprazem nessa adoração é verdadeiramente singular. (...) Contudo, evitar o destino comum, instalar-se (...) à margem do mundo, foi um pouco aquilo que Portugal sempre tem feito.⁹¹

Retomando a história. Ainda no século XVII, no reinado “inconsistente”⁹² de Felipe II, Portugal começa a desmoronar, “se afunda a Península sob o peso dos muitos erros acumulados, então aparece franca e patente por todos os lados” sua “improcrastinável decadência”⁹³, tornando-se insignificante dentre as outras potências europeias. A pobreza e cerceamento de idéias advindo de tamanha impotência propiciam um quadro de decadência intelectual, como discute Antero de Quental:

Sáimos duma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre: entrámos num recinto acanhado e quase sepulcral, com uma atmosfera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores.⁹⁴

Também segundo Antero de Quental,

o espírito sombrio e depravado da sociedade reflectiu-o a Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a história uma incorruptível testemunha de acusação contra aquela época de verdadeira morte moral.⁹⁵

⁹¹ LOURENÇO, Eduardo, *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*, p.9-10.

⁹² QUENTAL, Antero. *A causa da decadência dos povos peninsulares*.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ Ibid.

De acordo com Antero de Quental, três fatores foram decisivos no avanço das outras nações em relação à Portugal: primeiramente, a liberdade moral, que não existiu em Portugal devido ao catolicismo do Concílio de Trento, que inviabilizava um pensamento livre e baseado na razão; em segundo lugar, a ascensão da classe média, impossibilitada em um Portugal absolutista e em terceiro, o crescimento industrial, que não era estimulado, visto que o país estava mais interessado em conquistar e dominar do que no trabalho.⁹⁶ A monarquia de imposição religiosa então, segundo o autor, fora a grande responsável pelo atraso do povo português na medida em que

Essa monarquia, acostumando o povo a servir, habituando-o à inércia de quem espera tudo de cima, obliterou o sentimento instintivo da liberdade, quebrou a energia das vontades, adormeceu a iniciativa; quando mais tarde lhe deram a liberdade, não a compreendeu; ainda hoje a não compreende, nem sabe usar dela. As revoluções podem chamar por ele, sacudi-lo com força: continua dormindo sempre o seu sono secular!⁹⁷

No século XVI, com o crescimento das conquistas portuguesas, a população rural parte em busca de melhores condições de vida nos grandes centros urbanos, alastrando a pobreza e reduzindo o nível cultural do povo. Antero de Quental conclui que as conseqüências advindas de uma monarquia absoluta e do catolicismo geram um efeito

que, por ser invisível e insensível, nem por isso deixa de ser o mais fatal. É o abatimento, a prostração do espírito nacional, pervertido e atrofiado por uns poucos de séculos da mais nociva educação. As causas, que indiquei, cessaram em grande parte: mas os efeitos morais persistem, e é a eles que devemos atribuir a incerteza, o desânimo, o mal-estar da nossa sociedade contemporânea. A influência do espírito católico, no seu pesado dogmatismo, deve ser atribuída esta indiferença universal pela filosofia, pela ciência, pelo movimento moral e social moderno, este adormecimento sonambulesco em face da revolução do século XIX, que é quase a nossa feição característica e nacional entre os povos da Europa. Já não cremos, certamente, com o ardor apaixonado e cego de nossos avós, nos dogmas católicos: as continuamos a fechar os olhos às verdades descobertas pelo pensamento livre.⁹⁸

⁹⁶ QUENTAL, Antero. *A causa da decadência dos povos peninsulares*.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid.

Enquanto a Europa protestante acreditava na ciência e no progresso científico, os portugueses continuavam agarrados a uma idéia de Verdade, produto claro de uma tradição e identidade cristãs, cheias de dogmas, princípios e verdades próprias.

Em 1807, o rei Dom João VI vai para o Rio de Janeiro com toda a corte e, em 1890, a Inglaterra dá um ultimato aos portugueses, tratando-os como uma semi-colônia. Em 1910, surge a República inteiramente desacreditada na Europa, não se conseguindo dar ordem a ela até 1927, o que gera um forte sentimento de frustração nos portugueses.

Ainda no século XIX, havia a ilusão de um império glorioso em contraste com uma realidade instalada na inabilidade do país para o progresso e para o desenvolvimento, principalmente com relação as suas colônias, o que ajudava a fomentar uma mentalidade de se obter o máximo de riqueza ao menor custo e de realizar obras apenas indispensáveis à manutenção do território. Essa mentalidade foi mantida, principalmente em relação aos outros países da Europa, sendo Portugal atrasado e provinciano para com as idéias em ebulição nos outros países europeus. A consequência disso para o português foi, e ainda é, uma certa estagnação quando se trata de se relacionar com outros países. À frustração sentida à época da criação da república é acrescida uma sensação de fracasso e impotência devido à perda das colônias, visto que a manutenção do império constituiu-se para ele garantia de um passado heróico e glorioso.

O sentimento de inferioridade aliado ao provincianismo⁹⁹, acrescidos de quarenta e oito anos de ditadura, acabaram por gerar no povo português um sentimento comum de “passivismo mental, com a ausência de crítica reflexiva, com a generalizada utilização de conhecimentos modelados por institucionalização ou tradições.”¹⁰⁰ Segundo Joaquim Matos, para modificar esse tipo de mentalidade, é necessária a reestruturação cultural, política e educacional, devendo esta ser voluntária, isto é, o indivíduo deve estar desejoso de passar por tal mudança.

⁹⁹ Fernando Pessoa denomina “provincianismo” o deslumbramento infantil e superficial do povo português face ao novo.

¹⁰⁰ MATOS, Joaquim, *Incidência da obra e da acção de Antero na mutação da mentalidade portuguesa*, pp. 271-291.

Portugal não viveu, após 1940, o crescimento almejado e previsto por Salazar¹⁰¹. Devido às consequências da segunda guerra e aos problemas surgidos com as colônias portuguesas nos anos sessenta, Portugal ficou longe da época de crescimento que viveu nos anos 30. Atualmente, Portugal ainda se mantém como um país extremamente conservador, cujos jovens emigram em grandes números e cuja economia está em crise. É possível encontrar, atualmente, um enorme número de *blogs* (diários virtuais) onde cidadãos portugueses escrevem seus sentimentos para com a nação, sua situação e mentalidade. Comentários como “A demagogia é rainha, a maledicência é o entretenimento e a seriedade intelectual uma miragem.”¹⁰² não são incomuns na rede.

É importante pensar que durante quarenta e oito anos uma parcela da população em Portugal teve um inimigo bastante óbvio contra o qual lutar: a ditadura. Decerto, não é possível fazer generalizações neste sentido, visto que Portugal era tudo, inclusive os salazaristas, isto é, não havia um inimigo de Portugal, pois Portugal era um país como qualquer outro, com clivagens internas. No entanto, de fato, por mais de quatro décadas, parte do povo português creditava todos os desgostos que sofriam ao governo totalizador que censurava as formas livres de expressão e que exigia do povo uma obediência passiva. Apesar de haver (e ainda existir) grande apoio ao regime, sobretudo em classes populares, com o fim da ditadura o que se configurou foi a ausência de um inimigo óbvio. Entende-se que com o fim do regime, haveria, naturalmente, uma assumida de posição por parte do povo que, pela primeira vez, após tantos anos, poderia ser dono da sua própria voz e agir proativamente em busca dos seus desejos democráticos. No entanto, e isso é acolhido magistralmente na literatura de Abelaira, muitos indivíduos ainda mantêm uma mentalidade de “culpar” o outro pela sua própria inação, assumindo uma postura conformada que nada tem a ver com os anseios de liberdades propagados quando sob a ditadura.

¹⁰¹ SOUSA, J. M., *O Tempo do Estado Novo*, p. 83-94.

¹⁰² CAMPOS, António, Ex eurodeputado do PS. Mentalidades. Correio da Beira da Serra, 5 de novembro de 2010.

http://www.correiodabeiraserra.com/index.php?option=com_content&view=article&id=2939:mentalidades&catid=54:antonio-campos&Itemid=59

Este conceito do “outro”, neste contexto, é abordado pelo sociólogo, filósofo e teórico crítico esloveno Slavoj Žižek, ao discutir a “felicidade” em seu livro *Bem vindo ao deserto do real*. Neste, o autor afirma que uma das condições fundamentais para tornar as pessoas felizes é a existência do Outro “para receber a culpa de tudo que estivesse errado, de forma que ninguém tinha de se sentir verdadeiramente responsável”¹⁰³ e cita a antiga Tchecoslováquia, onde “o Outro” seria o partido comunista. No caso de Portugal, após o fim da ditadura, o Outro se tornou a própria mentalidade do povo português, o que pode ser percebido não só na literatura, como na de Abelaira, como também nos relatos diários de cidadãos que não se cansam de reiterar a passividade, a baixa auto-estima e o “provincianismo” do povo português, onde fica claro que os “outros” são os próprios indivíduos e suas mentalidades pacatas. Todos esses relatos auxiliam no registro de um sentimento individual e coletivo, idéia que retoma a epígrafe deste capítulo, onde Eduardo Lourenço discorre sobre a escrita e o imaginário na formação da identidade e, conseqüentemente, da mentalidade de um povo.

O cruzamento de ficções e relatos dos indivíduos auxilia na construção de um entendimento sobre a mentalidade do povo. Conforme explicado acima, não é intenção desta Tese fazer generalizações sobre o povo Português, mas sim, aprofundar os entendimentos acerca da obra de Abelaira, onde, como tem se estudado, a crítica à mentalidade da elite portuguesa é uma das atualizações que o autor proporciona na literatura portuguesa do século XX.

Abelaira entende que há uma mentalidade nociva instalada no ambiente e contra a qual se deve lutar. A falta de obviedade e a complexidade deste tema implicam obstáculos até mesmo para encontrar uma fundamentação teórica para o tema, no entanto, entende-se que um dos ineditismos de Abelaira encontra-se justamente no encontro que o autor possibilita entre a escrita e o imaginário, como articula Eduardo Lourenço, estando Abelaira em uma busca constante, através da linguagem, por entender e, conseqüentemente, por combater, essa mentalidade e identidade que há séculos paralizam uma parcela da sociedade.

¹⁰³ ŽIZEK, Slavoj, *Bem-vindo ao deserto do real! – cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*, p.77-78.